



Figura 1. Le Corbusier Savina. Sculptures et Dessins. Paris: Sers, 1984. Capa. Disponível em: <http://www.amazon.com/Le-Corbusier-Savina-Dessins-sculptures/dp/2904057102>. Acesso em 04 nov. 2015.

*Doutor em Estruturas Ambientais Urbanas pela FAUUSP (2007), mesma instituição onde desenvolveu seu mestrado (2003) e graduou-se em Arquitetura e Urbanismo (1995). Atualmente é docente RDIDP na FAUUSP-São Paulo na área de Metodologia, Representações e Processos de Produção.

Ensaio para diálogos futuros sobre o espaço indizível

Essay for future dialogues on the ineffable space

Artur Simões Rozestraten*

Resumo

Esse artigo apresenta uma versão em português do texto *L'Espace Indicible* (1946) de Le Corbusier precedido de algumas reflexões do autor da versão como ensaio a respeito do contexto da publicação original e do tema em questão.

Palavras-chave: Espaço, Indizível, Representação, Le Corbusier.

Abstract

This paper presents a Portuguese version of Le Corbusier text *L'Espace Indicible* (1946) preceded by some reflections of the author's version as an essay over the context of the original publication and the matter concerned.

Keywords: Space, Ineffable, Representation, Le Corbusier.

Ensaio para diálogos futuros sobre o espaço indizível

Um texto que pretenda comunicar por meio de palavras o espaço indizível é contraditório de início. Considerando improvável haver ingenuidade por parte do autor, é possível supor que há uma provocação em cena; um estímulo à fala o que, não necessariamente, garante sua possibilidade de realização.

Há mesmo coisas indizíveis. Todos nós sabemos disso por demais. Frequentemente nos faltam palavras e quando não faltam, quão imprecisas se mostram. Uma constatação deste gênero põe em questão a suposta coincidência proposta por Wittgenstein entre mundo e linguagem. Meu mundo ultrapassa em muito minha linguagem. Um improvável encaixe entre mundo e linguagem permitiria que eu tudo enunciasses com clareza. Nada mais distante da experiência do indizível. Tal defasagem não é apenas ocasional, rara, manifesta somente frente ao inusitado. É cotidianamente presente como condição própria à existência humana.

Entretanto, há – e também o sabemos por experiência própria – ocasiões incomuns, excepcionais, nas quais parece se ampliar a distância entre o que se sente e o que a nossa linguagem tem condições de representar. O Sublime poderia exemplificar essa lacuna e sua tensão. Mas não haveria em toda experiência do mundo, mesmo naquelas mais banais, algo indizível passível de ser intensificado na experiência estética?

Não haveria muito mais um desejo do que um fato na intenção de caracterizar linguagens no universo plástico, gráfico e visual – o desenho como linguagem, a linguagem da arquitetura – considerando a qualidade indizível de quase tudo o que tais linguagem pretenderiam dizer? Eis o paradoxo da linguagem do indizível.

É preciso dizer, aliás, que o indizível não é problemático enquanto não se almeja comunicá-lo. O problema começa quando se forma o desejo de comu-

1. A pesquisa empírica fornece uma abundante descrição de processos (des)valorização imobiliária na Região da Luz, suas estratégias e mitos. Isso permite a reconstrução histórica deste movimento à luz da renda da terra na construção, desde que a especificidade imobiliária seja compreendida teoricamente. Pesquisas recentes, dissertações e teses, nos fornecem essa descrição densa, cf. Branquinho, 2007; Kara-José, 2007; Melo, 2014; Mosquera, 2007; Souza, 2011.

nicar. O indizível, então, ganha corpo e a linguagem se choca com suas limitações. Se a experiência estética pode permanecer estanque, o espaço que a estimulou, por outro lado, permanece acessível a nós mesmos – para outras experiências – e a outros para experiências indizíveis compartilhadas. Logo, reside no espaço coletivamente vivenciado o potencial de compartilhar experiências e, quiçá, empreender diálogos sobre o indizível. Daí talvez a interação deste texto com a Unidade de Habitação de Marselha e com a guinada na produção corbusiana a partir dos anos 1950.

Traduzir um texto dedicado ao indizível tem, na sua inevitável imprecisão e precariedade desse esforço, um aspecto positivo, talvez o único: estimular a leitura do texto original. Não se procurou aqui construir uma tradução rígida termo a termo, mas sim uma tradução interpretativa com o objetivo de facilitar uma primeira leitura deste texto a estudantes brasileiros que não dominam o francês. É uma tradução feita por um arquiteto que, como professor e pesquisador, se interessa pela singularidade deste texto curto e suas questões específicas no âmbito das representações e do imaginário. Melhor seria caracterizar o que se fez como versão, na ausência do rigor necessário às traduções.

Originalmente o texto “L’Espace Indicible” foi publicado em um número especial sobre Artes em 1946 pela revista *L’Architecture D’Aujourd’hui*. Uma versão em inglês foi publicada em 1948 em Nova York como “Ineffable Space” na autobiogra-

fia de Corbusier intitulada *New World of Space* e a partir de então circularam versões variadas. A versão que aqui se apresenta é a mais sintética, bastante difundida na Internet em francês, como a parte mais conhecida do texto original, excluídas as 14 considerações numeradas por Corbusier no meio do texto que mencionam exemplos selecionados, dentre os quais o Ministério da Educação e Saúde (1936) no Rio de Janeiro.

O tema que Corbusier contextualiza à Europa do final da Segunda Guerra Mundial é a permanente questão existencial do habitar como ação geradora de espaços nos quais vivemos a emoção estética. É a experiência dessa emoção que o autor qualifica como indizível. Há um sentimento fundamental de nossa interação com as artes que talvez não possa ser expresso. Contudo, falar sobre este espaço indizível, indescritível, inefável é reconhecer sua existência e fomentar sua manifestação, postulando suas qualidades como fundamento das futuras propostas projetuais para o futuro da humanidade.

A contínua geração de espaços pode ser entendida como a atividade poética por excelência, posta no âmbito da experiência arquitetural, plástica, ambiental. Corbusier propõe a retomada deste fundamento poético e instaura um imaginário de flores-pilotis geradoras de espaços; verticalidade de nuvens e horizontes com montanhas cezánneas crispadas; uma erótica telúrica de vibrações, jorros e irradiações profundas; sínteses catalizadoras

desejosas de um corpo-espaço a ser possuído em um *rendez-vous* dionisíaco e cosmogônico.

Geramos diariamente os espaços, edifícios e trechos de cidades que habitamos, os reinventamos incessantemente com nossos desejos e nossa memória. Praticamos há tempos a poética bachelardiana do espaço. Nossa imaginação constitui universos dentro do universo e estes inúmeros desdobramentos imaginários voltam-se reflexivamente sobre nós, transformando-nos. Como artistas, arquitetos, designers, projetistas, construtores, somos propositores não só de uma poética de imagens visíveis, mas também – e principalmente – de uma poética de espaços indizíveis.

Passemos então a palavra para quem não se calou frente àquilo que não se pode dizer.

Referências

D'ALFONSO, Ernesto. **L'Antico, il moderno, il classico**. Milão: Arcduccittà, 2015.

FRANCLIEU, F. L'Espace Indicible. In: **Le Corbusier-Savina, dessins et sculptures**. Paris: Sers, 1984.

LE CORBUSIER. L'Espace Indicible. In: **Architecture d'Aujourd'hui**, n. spécial hors-série, nov./dez. 1946.

LE CORBUSIER. **New World of Space**. Nova York: Éditions Raynal & Hitchcock, 1948.

MAMELI, Maddalena. **Le Corbusier e Costantino Nivola**. New York 1946-53. Milão: Franco Angeli, 2012.

